

# **ESTAMOS DIANTE DE UMA NOVA REVOLUÇÃO? INVESTIGANDO OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO USO DE CELULARES MULTIFUNCIONAIS**

**Alunas: Isabelle B. B. Ferreira  
Thalia Santiago dos Santos  
Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa**

## **I – Introdução**

Ao longo dos séculos, inovações tecnológicas dos mais variados tipos introduziram mudanças nas formas de agir e de viver de homens e mulheres ao redor do planeta. Foi isso o que aconteceu em meados da década de 1990, quando a Internet integrou em rede os computadores das mais diversas partes do mundo e gerou uma nova forma de organização social na qual tudo potencialmente se conecta a tudo: a sociedade em rede.

Mais recentemente ainda, um novo período de transformação foi desencadeado pelo uso dos celulares. Neste segundo momento, as tecnologias da informática e das telecomunicações, que antes convergiam para a criação de novas formas de vida a partir das plataformas fixas dos computadores, passaram a convergir para uma plataforma móvel. Os celulares inteligentes, que conjugam diversas funções, estão mudando comportamentos e as formas de viver de seus milhões de usuários. Porém, sabe-se muito pouco sobre os impactos psicológicos dessa tecnologia.

## **II – Objetivo**

A atual pesquisa foi inspirada em uma pesquisa anterior com jovens de 18 a 25 anos que tinha como objetivo: a investigação dos hábitos de uso de celulares entre os jovens das camadas médias urbanas; a identificação dos perfis dos usuários de celulares pertencentes a essa faixa etária e classe social; a investigação das alterações de ordem psicológica que o uso dos celulares está introduzindo em suas vidas.

Durante a análise dos resultados da pesquisa com os jovens nos chamou atenção o fato dos jovens reclamarem espontaneamente do controle exercidos por suas mães através do celular. Diante disso, surgiu o interesse de iniciar uma pesquisa com mulheres que se enquadrassem em um perfil de mães com filhos entre 18 e 25 anos. Ou seja, mulheres que poderiam ser mães dos participantes da primeira pesquisa realizada. Além de analisar a questão do controle, aspecto relevante na pesquisa com os jovens, essa nova pesquisa tem como objetivo investigar os hábitos de uso na faixa etária entre 40 e 60 anos.

## **III – Metodologia**

Foram realizadas 20 entrevistas individuais face a face, gravadas e posteriormente transcritas. Alguns critérios foram determinados para o recrutamento dos participantes entrevistados: (1) ter entre 40 e 60 anos; (2) ser do sexo feminino; (3) ter filhos entre 18 e 25, que tenham celulares próprios; (4) morar com os filhos; (5) ter celular próprio há no mínimo 1 ano; e (6) pertencer às camadas médias e urbanas.

As entrevistas, após serem integralmente transcritas, foram submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso (ver Nicolaci-da-Costa, 1989, 1994) [1]. Tal análise é realizada em duas etapas: a análise inter-participantes e a análise intra-participantes, cada etapa sendo desenvolvida por um membro da equipe.

A primeira consiste em uma análise das respostas dadas pelo grupo como um todo. Uma visão panorâmica dos depoimentos é possível através do agrupamento de todas as respostas de todos os participantes. Nessa etapa, as respostas recorrentes já apontam para possíveis tendências centrais nos resultados. A segunda, análise intra-participantes, se dá pela análise de cada sujeito individualmente e são investigados os possíveis conflitos e contradições. Nessa parte, analisa-se mais detalhadamente cada entrevista aprofundando os resultados obtidos com a análise inter-participantes.

#### IV – Conclusão

Nossos resultados mostraram que, de forma genérica, a maioria das entrevistadas utiliza seus aparelhos de forma rudimentar, praticamente como um telefone fixo com maior mobilidade. O único recurso do celular utilizado com maior frequência é o identificador de chamadas, com o objetivo de filtrar as ligações. Esta filtragem, no entanto, não diz respeito aos seus filhos, que têm acesso irrestrito a elas a qualquer momento.

Na análise do uso que as mães fazem de seus celulares especificamente em relação aos seus filhos encontramos os resultados mais significativos. Como apontamos no resumo publicado no ano de 2006, o intenso contato entre eles é justificado pelas mães como sendo a maneira de controlá-los por elas encontrada. Porém, as próprias mães afirmam que essa é uma forma de controle diferenciada, já que elas apenas tomam ciência do paradeiro de seus filhos. Não estamos mais falando do controle estudado por Foucault (1975) em “Vigiar e Punir”, mas sim de um controle “entre aspas”, onde o que está em jogo é a informação. É claro que não estamos tão distantes da sociedade disciplinar que se utilizava do controle coercitivo como forma de obter a ordem, mas nossos ouvidos já são capazes de estranhar o uso da palavra controle por essas mães e seus filhos, a ponto de resolvermos que deveríamos estudar mais a fundo no que esse controle está se transformando.

Atualmente, o poder encontra-se diluído na sociedade, o que acarretou mudanças na relação mãe e filho. Outrora, as mães ditavam regras e comportamentos. Hoje vemos que, do ponto de vista de nossas entrevistadas, o direito de determinar horários, condutas e normas se transformou no direito de exigir que os filhos as deixem informadas sobre onde estão, a que horas voltam etc.

A crescente violência da cidade do Rio de Janeiro, juntamente com o hábito de constante deslocamento dos jovens, principalmente durante a noite, é usado como justificativa para as inúmeras ligações que fazem para os filhos. Tal comportamento pode ser entendido como uma estratégia das mães para se assegurarem do bem-estar dos filhos quando estes estão ausentes. Fica claro, porém, que tal comportamento é, para elas, uma forma de proteção contra a angústia de não saber onde os filhos estão. O mero fato de terem essa informação, segundo seu próprio relato, as faz se sentirem “seguras”, ou seja, mais tranquilas.

Aos filhos coube aceitar esse “controle” que dá “segurança” às suas mães. É o preço que pagam pela liberdade de poderem ir aonde bem entenderem sem terem que pedir permissão. Como disse uma entrevistada “morreu aquela de pedir permissão”. Agora basta que os jovens informem onde estão.

---

[1] Nicolaci-da-Costa, A. M. (1994), A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, volume 10, número 2, maio / agosto.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (1989), Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4 (1/2).